

## Negatividade e Prudência no Pensamento de Josef Pieper

Roberto C. G. Castro<sup>1</sup>

**Resumo:** Os atos humanos estão fundados no incognoscível, uma vez que, segundo a noção de negatividade – originária de Tomás de Aquino e do Pseudo Dionísio Areopagita –, a essência mais íntima das coisas são desconhecidas. Por isso, a fim de agir bem, o homem precisa fazer uso da hoje esquecida virtude cristã da prudência.

**Palavras Chave:** Negatividade. Prudência. Josef Pieper. Tomás de Aquino. Pseudo Dionísio Areopagita.

**Abstract:** The human acts are grounded in the unknowable, since that, according to notion of negativity – that comes from Thomas Aquinas and Pseudo-Dionysius –, the inner essence of things is unknown. Therefore, in order to act well, the human being must practice the nowadays forgotten Christian virtue of prudence.

**Keywords:** Negativity. Prudence. Josef Pieper. Thomas Aquinas. Pseudo-Dionysius.

### Introdução

A ideia de negatividade e a clássica virtude da prudência são dois conceitos que, apesar de sua enorme importância, permanecem esquecidos pela teologia e pela filosofia contemporâneas. Tal desprezo é responsável, em boa medida, pela tendência ao racionalismo presente no pensamento teológico e filosófico hoje. Se, no campo da ética e da moral, a teologia busca aprimorar o agir humano valendo-se somente de regras e preceitos e, na área do conhecimento científico, a razão pretende o domínio absoluto da ciência mais profunda das coisas, isso se deve claramente à falta de entendimento sobre a negatividade e a prudência. Por meio desses conceitos, tem-se um “antídoto” contra o racionalismo exacerbado – que tantos males causam à humanidade – e, ao mesmo tempo, uma forma de garantir – e não limitar – a liberdade do homem ao tomar suas decisões, imune a qualquer tipo de arbitrariedade, totalitarismo e despotismo.

Estudar, discutir e divulgar os conceitos de negatividade e de prudência – apontando, inclusive, as relações existentes entre eles – constitui, portanto, uma importante contribuição para a teologia e para a filosofia contemporâneas, pois pode dotá-las da visão de novas e pouco conhecidas dimensões da existência. Também a educação muito se beneficiaria com esse conhecimento, já que uma pedagogia baseada na ideia de negatividade e na virtude da prudência certamente resultaria na formação de seres humanos mais livres, autônomos, responsáveis e – por isso mesmo – felizes.

O filósofo alemão Josef Pieper (1904-1997) foi praticamente o único grande pensador contemporâneo que atentou para a importância da negatividade e da prudência. Ao dialogar com os fundadores do pensamento ocidental – especialmente Platão, Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino – e elaborar profundas e originais reflexões sobre o tema, ele constitui uma fonte segura, única e necessária para quem deseja conhecer mais amplamente esse importante legado da tradição clássica.

---

<sup>1</sup> Doutrou em Educação Feusp. Professor do Centro Universitário das Faculdades Integradas Alcântara Machado (FIAM), em São Paulo.

## Negatividade

O conceito de negatividade segundo Josef Pieper está fundamentado no pensamento negativo do pensador medieval Tomás de Aquino (1225-1274) – que, por sua vez, se baseia principalmente na teologia negativa do Pseudo Dionísio Areopagita (século VI). Pieper explica o que é a negatividade em Tomás de Aquino em *Unaustinkbares Licht – Das negative Element in der Weltansicht des Thomas von Aquin*<sup>2</sup>. Segundo Pieper, as doutrinas tomasianas do ser e da verdade – e, de resto, todo o pensamento do Aquinate – só podem ser devidamente compreendidas caso se leve em conta o decisivo papel que tem, na filosofia de Tomás, o conceito de Criação – ou seja, a ideia de que todas as coisas são *creaturas*. Esse conceito, por sua vez, está intimamente relacionado com o elemento negativo de incognoscibilidade e de mistério.

Para Tomás – explica Pieper –, o ser e a verdade estão indissolivelmente ligados. As coisas são verdadeiras porque são pensadas por Deus. Elas possuem um “quê”, uma quiddidade, um determinado conteúdo essencial porque são fruto de um pensamento projetador e criador. A diferença entre essa ideia e a afirmação de que só se pode chamar de verdadeiro o que é pensado – repetida pelos pensadores modernos, de Bacon a Kant – é que, para Tomás, as coisas reais são, de fato, algo pensado, pensado criadoramente pelo *Logos*.

Isso é confirmado até mesmo pelo moderno existencialismo, aponta Pieper. Em sua radical tentativa de “extrair todas as consequências de uma posição atea coerente”, como afirma em *L’existentialisme est un humanisme*, o filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980) disse que “não há natureza humana, porque não há Deus para a conceber”<sup>3</sup>. Em outras palavras, é o mesmo que dizer: “As coisas têm uma essência porque são pensadas. Os objetos fabricados pelo homem têm uma essência porque foram concebidos por uma mente criadora. Como não há Deus para pensar o homem, este não tem uma essência”. Embora negue a Criação, Sartre raciocina sobre a mesma base, sobre a mesma ideia de que a essência de um ser depende de uma inteligência criadora, que dê a ele um conteúdo de significado através do pensamento criador – ideia que, para Pieper, representa o fundamento da clássica metafísica ocidental do ser.

Segundo Tomás, a realidade natural está situada entre dois cognoscentes, o intelecto divino – o conhecimento criador de Deus, que pensa o ser – e o intelecto humano, que se dirige ao ser<sup>4</sup>. Ela é, portanto, uma estrutura articulada entre “Projetador” e “apreensão do projeto, realizado no ente”. “De acordo com essa dupla referência das coisas é que Tomás desenvolve sua doutrina. Há, assim, um dúplice conceito de ‘verdade das coisas’: o primeiro afirma o ser-pensado por Deus; o segundo, a inteligibilidade para o espírito humano.”<sup>5</sup> Dessa forma, acrescenta Pieper, afirmar que “as coisas são verdadeiras” significa dizer que as coisas são pensadas por Deus e que as coisas são acessíveis ao conhecimento humano.

Porém, embora o fato de serem pensadas fundamente a inteligibilidade das coisas para o homem, esse mesmo fato determina também a impossibilidade de o ser humano compreender cabalmente a essência das coisas. Acontece que, para Tomás,

---

<sup>2</sup> Josef Pieper, “O elemento negativo na filosofia de Tomás de Aquino – a propósito de uma sentença de Avicena”, tradução de Gabriele Greggersen Bretzke, *Revista de Estudos Árabes*, Centro de Estudos Árabes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, número 5/6, janeiro/dezembro de 1995, p. 53-75.

<sup>3</sup> “Il n’y a pas de nature humaine, puisqu’il n’y a pas de Dieu pour la concevoir” (Jean-Paul Sartre, *Le existentialisme est un humanisme*, Paris, 1946, p. 22).

<sup>4</sup> *Quaestiones disputatae de veritate* I, 2.

<sup>5</sup> J. Pieper, obra citada, p. 61-62.

pode-se falar de “verdade das coisas” de duas maneiras: uma delas consiste na correspondência entre o intelecto humano e as criaturas; a outra se refere à correspondência entre a criatura e o pensamento criador que a projetou.

Entre essas duas correspondências existe uma diferença fundamental: a primeira (pensamento humano para com a realidade) pode tornar-se objeto de conhecimento do homem, enquanto a segunda (realidade para com o Pensamento) não pode<sup>6</sup>. Em outros termos, o homem tem a potência de conhecimento das coisas, mas não lhe é possível conhecer formalmente a sua verdade. O ser humano conhece a imagem imitativa dos seres, mas não a sua correspondência com o arquétipo, a relação existente entre o ser-pensado e o seu projeto. Como explica Pieper:

A relação de correspondência existente entre a imagem arquetípica em Deus e a imagem criada que a segue – e nisso consiste formal e primariamente a verdade das coisas – não poderá jamais, como dizíamos, ser diretamente apreendida pelo nosso olho; não podemos alcançar um ponto de vista a partir do qual nos seja possível comparar a imagem arquetípica com a sua imagem imitativa; somos simplesmente incapazes de assistir, por assim dizer, como espectadores à emanção das coisas “do olho de Deus”.<sup>7</sup>

Assim, ainda que consiga percorrer um longo trecho do caminho do conhecimento e apreender profundas verdades sobre Deus, o homem não pode chegar aos limites desse caminho e contemplar os seres tal como são em sua mais íntima estrutura. Uma importante consequência disso é que, dessa forma, cai por terra todo projeto racionalista radical, que exalta a onipotência da razão e confere a esta o poder de discernir todas as coisas.

Mais do que fornecer as bases de uma contundente crítica ao racionalismo, a negatividade altera de modo drástico a forma de ver a existência humana: por meio dela, o homem fica sabendo que não dispõe de certezas absolutas para se conduzir no dia a dia – motivo pelo qual precisa desenvolver a virtude da prudência.

## Prudência

Pieper recorre também a Tomás de Aquino para elaborar suas concepções sobre a prudência. Na *Suma teológica*, Tomás define essa virtude como *recta ratio agibilium*, “a reta razão aplicada ao agir”. Em outras palavras, “prudência é ver a realidade e, com base nessa visão, tomar a decisão certa”, ensina Jean Lauand<sup>8</sup>. Segundo Tomás, à prudência corresponde não apenas a consideração racional, mas também a aplicação à ação, daí por que o Aquinate a considera uma virtude da razão prática, e não da razão especulativa, que busca o conhecimento teórico.

Enquanto a virtude da sabedoria ou da ciência se ocupa do que é necessário e as artes ou as técnicas se dedicam à matéria exterior – a construção de uma casa, por exemplo –, a virtude da prudência diz respeito às ações humanas. Não cabe a ela determinar o fim das virtudes morais, mas sim definir os meios para chegar àquele fim, meios que são indeterminados e variados, de acordo com as pessoas e as

---

<sup>6</sup> J. J. Pieper, obra citada, p. 64.

<sup>7</sup> J. Pieper, obra citada, p. 68-69.

<sup>8</sup> Jean Lauand, “A *prudencia* em Tomás de Aquino: atualidade de uma análise medieval”, em *Filosofia, linguagem, arte e educação*, p. 153.

circunstâncias<sup>9</sup>. “Este é o papel da prudência: aplicar os princípios universais às conclusões particulares do âmbito do agir.”<sup>10</sup>

Esse agir se refere às realidades singulares. Nesse campo, diz Tomás, o homem não pode se guiar por verdades absolutas e necessárias, mas somente pelo que acontece na maioria dos casos<sup>11</sup>. No mundo dos particulares e contingentes, dá-se uma diversidade de situações tão grande que é impossível estabelecer uma lei que não falhe em algum caso concreto<sup>12</sup>. O homem “não pode abarcar com certeza num simples olhar a verdade das coisas, especialmente se se trata de suas ações, que são contingentes”<sup>13</sup>.

Para Pieper, a determinação da prudência constitui a antecipação, a pré-figura de todo ato moral bom. Assim como o mundo sensível é a concretização das ideias presentes no pensamento criador de Deus e a obra de arte se faz em harmonia com o modelo existente no espírito do artista, assim também o ato livre do homem é bom na medida em que corresponder às determinações da prudência. “Um ato prudente e um ato bom são substancialmente a mesma coisa. Só se distinguem pelo lugar que ocupam na ordem da realização: o que é bom é prudente previamente.”<sup>14</sup>

Interpretando o pensamento de Tomás, Pieper destaca que a palavra “razão”, em Tomás, significa a descoberta e a revelação da realidade, tanto da natural como da sobrenatural realidade. “A ‘razão que se aperfeiçoa no conhecimento da verdade’ é, portanto, a capacidade de apreensão do espírito humano enquanto se orienta para a ação por meio da descoberta da realidade natural e sobrenatural.”<sup>15</sup>

Assim, continua Pieper, a primazia da prudência significa, em primeiro lugar, a orientação do querer e do agir para a verdade. Mas, por fim, essa orientação está voltada para a realidade objetiva. “O que é bom começa por ser prudente; o que é prudente, porém, está em harmonia com a realidade.”<sup>16</sup>

Concebida com o objetivo de orientar o ser humano em meio à instabilidade típica da vida terrena, a doutrina tomasiana da prudência – base do pensamento de Pieper sobre o tema – constitui um instrumento especialmente importante para o homem do século XXI, que, talvez mais do que em qualquer outro momento da história, vive a desorientação e as incertezas de uma época marcada pelo relativismo, a superficialidade e a perda de identidade.

Num meio em que toda forma de pensamento e de comportamento parece legítima, o homem tende a ter esmaecida a sua visão da realidade e enfraquecido o “límpido conhecimento” do ser das coisas, com base no qual deve tomar suas decisões. A atitude “politicamente correta”, por exemplo, faz com que as pessoas ajam não por si mesmas, mas movidas por um conceito abstrato que, dada a natureza instável das situações humanas, às vezes pode ser adequado e outras vezes, inadequado.

A *prudencia* tomasiana é, assim, um convite ao homem contemporâneo para que exerça plenamente sua autonomia e liberdade e não se despersonalize diante do relativismo pós-moderno. Ela oferece a possibilidade de um agir seguro em meio a tantas incertezas. Permite também o livramento em relação às várias formas de totalitarismos e autoritarismos que diariamente tentam dominar mentes e consciências.

---

<sup>9</sup> *Suma teológica* II-II, 47, 15.

<sup>10</sup> *Suma teológica* II-II, 47, 6.

<sup>11</sup> *Suma teológica* II-II, 49, 1.

<sup>12</sup> *Suma teológica* II-II, 120, 1

<sup>13</sup> *Suma teológica* II-II, 51, 1.

<sup>14</sup> Josef Pieper, *Virtudes fundamentais*, p. 16

<sup>15</sup> Obra citada, p. 17-18.

<sup>16</sup> Obra citada, p. 16.

## Relações entre negatividade e prudência

Embora Pieper não tenha explicitamente desenvolvido as relações entre negatividade e prudência, é certo que elas existem e são percebidas na obra do filósofo de Münster. Se devidamente compreendidas, tais relações podem ampliar o entendimento desses dois conceitos e lançar novas luzes sobre os fundamentos do comportamento humano.

Também seguindo Tomás, Pieper afirma que o ato livre e responsável do homem recebe sua forma da luz do conhecimento. No entanto, ele destaca que “o primeiro ato da vontade não provém de um imperativo racional, mas de um impulso da natureza ou de outra força mais alta”<sup>17</sup>. Ou seja, uma determinação externa e incompreensível ao homem tem profunda influência no seu querer e no seu agir. Isso está de acordo com as escrituras cristãs, que afirmam:

Deus é o que produz em vós tanto o querer como o produzir, conforme a boa vontade.<sup>18</sup>

Em relação a essa determinação, relacionada à infinita e inacessível claridade do saber e da visão de Deus, a inteligência humana se comporta como “os olhos do morcego em face da luz do dia”, afirma Pieper, citando Aristóteles. Não se trata de dizer que as determinações de Deus são obscuras, radicalmente separadas do mundo sensível e entrevistas apenas por uns poucos ascetas, que teriam o dom especial de vislumbrar os mistérios divinos. Pelo contrário, o que ocorre é que a luz de Deus é por demais evidente e clara, tão infinitamente luminosa que se torna imperceptível aos limitados olhos humanos, tão fracos e incapazes de ver tamanha claridade.

No mesmo tratado, Pieper diz, a respeito da retidão humana:

O homem que faz o bem segue os modelos de um plano que não imaginou por si mesmo inteiramente e em todas as suas partes. Esse plano revela-se-lhe de momento a momento, como através de uma estreita fenda e em retalhos de minutos; nunca lhe será dado ver o plano concreto de si mesmo na sua forma inteira e definitiva.<sup>19</sup>

Ou seja, o ato moral bom possui um modelo, um plano que, no entanto, não é cabalmente conhecido pelo homem. Sua ação está fundada no incognoscível. Nunca o homem conhecerá a verdade última do seu agir. No entanto, essa verdade existe, e deve ser buscada através do desenvolvimento da virtude da prudência.

A ideia de que existe um agir correto, que o homem deve buscar a cada momento, embora seja difícil encontrá-lo, é ilustrada perfeitamente pela fala de Riobaldo, personagem do romance *Grande sertão: veredas*, do escritor brasileiro João Guimarães Rosa:

Só o que eu quis, todo o tempo, o que eu pejei para achar, era uma só coisa – a inteira – cujo significado e vislumbrado dela eu vejo que sempre tive. A que era: que existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver – e essa pauta cada um tem – mas a gente mesmo, do comum, não sabe encontrar; como é que sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber? Mas, esse

---

<sup>17</sup> Josef Pieper, *Virtudes fundamentais*, p. 35.

<sup>18</sup> *Carta aos filipenses* 2:13.

<sup>19</sup> Josef Pieper, *Virtudes fundamentais*, p. 43.

norteado, tem. Tem que ter. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira que é. E que: para cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa. Aquilo está no encoberto: mas, fora dessa consequência, tudo o que eu fizer, o que o senhor fizer, o que o beltrano fizer, o que todo-o-mundo fizer, ou deixar de fazer, fica sendo falso, e é o errado. Ah, porque aquela outra é a lei, escondida e vivível mas não achável, do verdadeiro viver: que para cada pessoa, sua continuação, já foi projetada, como o que se põe, em teatro, para cada representador – sua parte, que antes já foi inventada, num papel.<sup>20</sup>

### **Negatividade e prudência como fundamentos da educação**

Os conceitos de negatividade e de prudência têm importantes contribuições a dar à pedagogia contemporânea. O caráter de mistério do mundo leva o mestre a desenvolver uma humildade antirracionalista e até um senso de humor – antítese da seriedade racionalista – que podem proporcionar uma educação mais eficiente, impregnada do lúdico, sem a pretensão de ter o mundo absoluta e ferreamente dominado pela razão humana.

É interessante notar que os grandes educadores medievais, ainda não condicionados pelo racionalismo que mais tarde passaria a dominar o Ocidente, percebem o caráter de mistério do mundo e por isso desenvolvem uma pedagogia muito mais lúdica do que o homem moderno. “Deve-se ensinar divertindo”, recomenda Alcuíno (735-804), em carta ao imperador Carlos Magno. Ao assumir a negatividade em suas práticas educativas, os medievais constituem, assim, uma importante referência para os educadores do século XXI.

No que se refere à prudência, o ensino dessa virtude é de vital importância para a formação do cidadão verdadeiramente livre e autônomo, que toma suas decisões baseado na límpida visão da realidade, sem a interferência de poderes externos a ele. Como afirma Pieper:

A doutrina clássica cristã sobre a primazia da virtude da prudência encerra, na sua mais íntima orientação, um protesto contra todos os sistemas de pressão moral contrários ao ser, moralistas e casuísticos, e contra toda a tutela sobre o homem que é chamado a decidir-se.

A primeira das virtudes cardeais não é apenas o índice da maioridade moral; é também, e precisamente por isso, o índice da liberdade.<sup>21</sup>

Educar para a prudência é, portanto, uma tarefa urgente, necessária e atualíssima, nesta época em que os indivíduos são levados a agir não de acordo com sua consciência, mas em função de fatores externos, como a economia, a publicidade e a política. Em todos esses casos, em que a prudência está claramente ausente, é a autonomia desses indivíduos – pode-se dizer, sua própria humanidade – que se encontra aviltada e precisa ser reconstituída através de uma educação para a virtude.

---

<sup>20</sup> João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*, Rio de Janeiro, José Olympio, 5ª edição, página 366.

<sup>21</sup> Josef Pieper, *Virtudes fundamentais*, p. 44.

## Conclusão

Os conceitos de negatividade e de prudência, tal como expostos por Josef Pieper, revelam duas importantíssimas dimensões da existência, hoje ignoradas. Primeiro, o ser humano jamais chegará ao conhecimento cabal das coisas. Segundo, sem certezas absolutas, o homem possui, na virtude da prudência – “a reta razão aplicada ao agir” –, uma base segura para suas ações. Por meio daqueles conceitos, pode-se ainda desenvolver uma contundente crítica à filosofia contemporânea – marcada pelo racionalismo exacerbado, que busca submeter ferreamente todas as coisas à razão – e à teologia moral, que pretende aperfeiçoar o agir humano através de mandamentos e regras. O conhecimento da negatividade e da prudência é capaz de fazer a filosofia e a teologia mais receptivas à ideia da impossibilidade do conhecimento de todas as coisas e, assim, torná-las menos racionalistas e menos dogmáticas.

## BIBLIOGRAFIA

AQUINO, TOMÁS DE. *Thomae Aquinatis Opera Omnia* cum hypertextibus in CD-Rom. Roberto Busa (ed.). Milano, Editoria Elettronica Editel, 1992.

LAUAND, JEAN. *Filosofia, linguagem, arte e educação*. São Paulo: ESDC, 2007.

\_\_\_\_\_. *O que é uma universidade – Introdução à filosofia da educação de Josef Pieper*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

PIEPER, JOSEF. *Virtudes fundamentais*, tradução de Narino e Silva e Beckert da Assumpção. Lisboa: Áster, 1960.

\_\_\_\_\_. *Das Viergespann: Klugheit, Gerechtigkeit, Tapferkeit, Mass*. München: Kösel, 1964.

\_\_\_\_\_. “O elemento negativo na filosofia de Tomás de Aquino”, tradução de Gabriele Greggersen, *Revista de Estudos Árabes*, Centro de Estudos Árabes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), número 5/6, jan/dez de 1995, p. 53-75.

Recebido para publicação em 10-07-10; aceito em 19-07-10